

Identidade social e a representação da epilepsia no cinema

Fernanda Sayuri Gutiyama*

Dissertação de Mestrado.

Designação do Programa de Estudos: Programa de Pós-Graduação em Múltiplos Meios.

Instituição: Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

Resumo:

Este estudo é uma discussão sobre a identidade social da pessoa com epilepsia, através da análise da representação da epilepsia em filmes ocidentais datados a partir de 2005. Nosso corpus fílmico foi determinado por relevância do tipo de produção, para desenvolver um comparativo de linguagens audiovisuais a partir de três obras ficcionais: *O Exorcismo de Emily Rose* (2005), *Réquiem* (2006) e *Eletricidade* (2014); e três obras documentais *Zach, a film about Epilepsy* (2009), *Ilegal – a vida não espera* (2014) e *A seizure by Nathan Jones* (2011). Ao longo de nossa análise, percebemos que os estudos anteriores sobre epilepsia relacionados ao cinema não levavam em conta a questão de alteridade, identidade e representação social da pessoa com epilepsia, e por isso, para contribuir com a pesquisa nesse campo, buscamos trazer esse novo viés a temática.

Recorremos aos estudos em sociologia, antropologia médica e estudos culturais como aparatos de investigação. E com base na metodologia de análise de Michel Foucault, em *História da sexualidade vol. I – vontade do saber* (1988), desenvolvemos nossa própria metodologia para analisar os filmes citados, que consistiu resumidamente nos seguintes passos: levantamento contextual do tipo de produção; análise do discurso do roteiro e abordagem do tema; análise da representação da crise de epilepsia e análise das relações entre os personagens e instituições representadas ou envolvidas.

O cinema possibilita olharmos para a nossa realidade social e analisá-la, identificando os papéis das instituições sociais, a reverberação dos discursos nos corpos dos sujeitos, o corpo como extensão da identidade, e as percepções sociais. Através das análises, concluímos que os discursos sociais ainda

* E-mail: ferr.sayuri@gmail.com

reproduzem o estigma da epilepsia, que continua representado de forma predominante no cinema. De maneira diacrônica, a representação ocidental predominante da epilepsia mudou das percepções de possessão espiritual para a percepção médica clínica de acordo com nosso contexto cultural. Atualmente, contudo, as discussões sobre a normalização do corpo, identidade e o biopoder se repercutem em nossa sociedade, abrindo espaço para a expressão de novas subjetividades na ficção e no documentário.

Palavras-chave: epilepsia; estudos sociais; cinema; saúde.

Ano: 2017.

Orientador: Fábio Nauras Akhras.